

Laboratório de Ensino

“O PROBLEMA ECONÔMICO DO MASOQUISMO” (1924)

Júlia Sardinha L. Lopes Martins (Graduada em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense – UFF-Niterói. Foi bolsista de Iniciação Científica pela Faperj, sob orientação da Profa. Flavia Lana Garcia de Oliveira (2022-2023). A produção deste texto faz parte das atividades de pesquisa realizadas durante este período).

Neste ensaio de 1924, Freud explica detalhadamente a formação do masoquismo. Apesar de já ter feito considerações mais breves sobre o assunto no texto “Pulsões e seus destinos” (1915), em “O problema econômico do masoquismo”, o autor traz novas descobertas importantes para o estudo das pulsões. O masoquismo, ao trazer o desprazer como alvo, contraria o princípio do prazer. Para explicar porque isso ocorre, Freud inicia sua exposição relacionando a pulsão de morte, a pulsão de vida e o princípio do prazer.

De início, o autor traz luz sobre o aspecto qualitativo em jogo nas experiências de prazer e desprazer, ao dizer que não se trata apenas de um fator quantitativo relacionado ao aumento (desprazer) ou à diminuição (prazer) de tensão, apesar de ter muito a ver com isso. Afirma que existem elevações de tensão que causam prazer e reduções que causam desprazer, contestando o que se esperava inicialmente. Destaca que o princípio do prazer, na verdade, surge como uma variação do princípio do Nirvana, ou seja da tendência da pulsão de morte à busca pela eliminação completa das excitações internas. A partir da reivindicação da libido, que modifica parte desse princípio, é originado o princípio do prazer. Já o princípio da realidade representa a influência do mundo externo. Em geral, os três princípios conseguem se tolerar mediante uma interação regulada das forças intrapsíquicas.

Freud demonstra a descoberta de que a pulsão de morte não é pura, mas envolve a integração a componentes libidinais. O sadismo e o masoquismo seriam resultantes dessa porção de libido que por fusão pulsional se une à pulsão de morte. Essa compreensão se torna importante para entender o que Freud explica a seguir, quando entra na questão do masoquismo propriamente dito. Freud diz que este se apresenta de três formas: masoquismo feminino, masoquismo masculino e masoquismo moral.

Freud caracteriza o masoquismo feminino a partir de fantasias que implicam dor física, maus-tratos no geral e humilhações. A situação degradante à qual o masoquista se submete revela que ele se coloca em situações tipicamente femininas, isto é, que remetem à castração. A partir dessa explicação, o autor introduz o masoquismo erógeno, que é de onde o feminino deriva.

Recuperando a relação que foi estabelecida anteriormente, sobre pulsão de morte e libido, Freud expõe que, com o apazinhamento da pulsão de morte pelas ligações libidinais, parte dessa libido é desviada para o mundo externo, sob a forma de pulsão de apoderamento, desenvolvendo sua função sexual – o sadismo. Outra parte, também ligada libidinalmente, permanece no organismo – masoquismo original, erógeno. Esse masoquismo

está presente em todas as fases de desenvolvimento da libido. Por exemplo na fase oral, sob a forma do medo de ser devorado pelo pai. Para Freud, o sadismo e masoquismo primordiais são idênticos, mas possuem objetos diferentes. Enquanto a pulsão de destruição tem seu objeto no mundo externo, o masoquismo original tem como objeto o próprio Eu. Há circunstâncias, ainda, em que o sadismo que está voltado para fora pode regredir e novamente ser introjetado, resultando em um masoquismo secundário.

Na última parte, Freud trabalha o terceiro tipo de masoquismo, o moral. Neste último, o que importa é o sofrimento por si só, a punição, sem que necessariamente isso venha da pessoa amada. A grande relevância dessa "necessidade de punição" acarretada pelo masoquismo moral é sua forte incidência sob a forma de "vantagem da doença" na neurose: a tendência masoquista se beneficia do sofrimento causado pelo sintoma. É necessário que sempre se conserve alguma quantidade de sofrimento. Para explicar esse fator, o autor faz um detalhado esforço a respeito das forças psíquicas envolvidas nesse processo e, principalmente, nos conflitos que se desenvolvem entre as instâncias Eu e Super-Eu.

Quando o Eu se percebe abaixo das exigências do Super-Eu, de seu ideal, reage com sentimentos de culpa. O Super-Eu é originado quando, após a dessexualização dos impulsos libidinais em relação aos pais, o desvio da meta sexual direta, o Complexo de Édipo é superado. A instância moral, por sua vez, conserva as características essenciais do casal de genitores, como o seu poder e severidade, juntando a outras figuras de autoridade, se tornando, assim, substituto do Complexo de Édipo e representante do mundo externo.

Com a revitalização do complexo de Édipo e a conseqüente sexualização da moralidade, no masoquismo moral, parte da consciência moral do indivíduo pode desaparecer graças ao masoquismo. Para ser punido, o masoquista deve agir de forma inapropriada, agir contra seu próprio interesse. Nessa situação, o sadismo se volta com mais força para o Eu, a porção da pulsão destruidora surge com mais intensidade. Esse sadismo somado ao masoquismo do Eu resulta em uma forte repressão pulsional que gera e mantém o sentimento de culpa inconsciente.

Por fim, Freud dá pistas sobre o surgimento da moralidade. Afirma que, por poderes externos e culturais, as pulsões do indivíduo são freadas, e só a partir daí que é formada a moralidade que, a partir de sua expressão consciente, demanda mais renúncia pulsional. Logo, "[...] a primeira renúncia pulsional é forçada por poderes externos, e apenas então ela cria a moralidade, que se expressa na consciência e exige nova renúncia pulsional (FREUD, 1924/2020, p. 202)".

Bibliografia:

FREUD, S. (1924). O problema econômico do masoquismo. In: O Eu e o Id, "autobiografia" e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, v. 16, p. 184-202.